

RECENSÃO CRÍTICA

Peter Russell, *Prince Henry 'The Navigator': A Life*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2000. xvi + 448 pp.

T. F. Earle

Universidade de Oxford

Diz-se, e às vezes com razão, que o público anglo-saxónico sente pouco interesse pela cultura portuguesa. Mas se os ingleses e os norte-americanos não se entusiasmam muito pela literatura clássica lusitana, são contudo sôfregos de biografias dos grandes homens da história de Portugal. Nos últimos cinco anos três vultos importantes foram comemorados em livros sólidos, bela e profusamente ilustrados, e editados pelas imprensas das universidades mais conceituadas. São o marquês de Pombal (biografado por Kenneth Maxwell, 1995), Vasco da Gama (Sanjay Subrahmanyam, 1997) e, ultimamente, o infante D. Henrique. O livro do Professor Russell, tal como os outros, não se destina unicamente a um público de especialistas, mas vende-se a um preço acessível (£20) e suscitou já um interesse considerável, a julgar pelo número de recensões publicadas em jornais de língua inglesa.

O leitor da biografia tem em frente de si o fruto de cinco décadas de estudo e de reflexão sobre o infante. A carreira de D. Henrique, portanto, é examinada exaustivamente, não só através das fontes portuguesas, mas também num contexto europeu mais amplo. Com efeito, o autor, que tem um conhecimento muito vasto dos arquivos castelhanos, aragoneses e italianos, mostra como o príncipe português não hesitava em colaborar com estrangeiros (se não fossem castelhanos), trazendo assim uma perspectiva nova, e até revolucionária, ao estudo da vida de uma figura muitas vezes vista só em termos nacionalistas.

Mas se o conteúdo da obra do Professor Russell apresenta uma visão radicalmente nova do biografado, a forma é convencional. *Prince Henry 'The Navigator': A Life* pertence a um género muito praticado nas letras contemporâneas inglesas, e de raízes tão fundas que não precisa de qualquer suporte teórico. Assim, depois de uma introdução que versa alguns problemas históricos, mas não propriamente literários, o livro começa tradicionalmente com o nascimento do herói, na 4^a-feira das cinzas de 1394, e acaba, também segundo a norma, com a sua morte, 66 anos mais tarde. O leitor português pode estranhar a ausência de reflexões da parte do autor acerca da biografia como tal, falta que não implica, contudo, que o livro não seja muito bem pensado. E, além disso, o livro do Professor Russell não deixa de ser uma criação literária, que exige do leitor não só uma atenção aos factos biográficos, mas também à maneira de os narrar, muitas vezes profundamente irónica.

É por demais óbvio que os factos de qualquer vida, e ainda mais da biografia do infante D. Henrique, que viveu e morreu há mais de seis séculos, estão radicados na linguagem, nomeadamente na linguagem de quem pela primeira vez escreveu os feitos e os ditos do príncipe. Quando, além disso, se trata de um sujeito biografado empenhado em criar dos eventos da sua própria vida um mito heróico-religioso, torna-se bastante difícil destrinçar a verdade das palavras muitas vezes fantasiosas de um cronista como Gomes Eanes de Zurara, protegido do infante e a quem devia favores.

O Professor Russell não nega, pós-modernamente, a possibilidade de chegar a um conhecimento certo de um determinado acontecimento, por exemplo, de que em 1434 as caravelas do infante conseguiram ultrapassar o Cabo Bojador (mesmo admitindo que não se tratava provavelmente do topónimo que aparece nos mapas de hoje). Tão-pouco se recusa a acreditar que a interpretação do feito dada por Zurara, que atribui o êxito da viagem ao saber náutico e à vontade inflexível do infante, não tenha algum valor, pelo menos no sentido de reflectir a imagem que D. Henrique queria criar acerca de si próprio. Com efeito, há outra evidência que sugere que a passagem do Bojador foi mais uma iniciativa publicitária do que um acontecimento histórico importante. Daí surge a dificuldade no espírito do historiador, porque as palavras de Zurara podem traduzir o pensamento do infante, sem no entanto nos ajudar a interpretar com justiça o significado real do famoso incidente. É um exemplo, entre muitos nesta biografia, de como a verdade tende a desaparecer, deixan-

do um espaço que, muitas vezes, só pode ser preenchido pela ironia.

Tratar o infante D. Henrique com ironia parecerá a alguns um acto de lesa-majestade, de uma leviandade imprópria de uma obra científica. Mesmo assim, é uma técnica literária de que Russell muitas vezes se serve, até no título do livro, em que as aspas que separam a famosa alcunha do nome do infante mostram uma dúvida irónica enquanto à propriedade do epíteto, utilizado com frequência fora de Portugal. Na verdade, o 'navegador', que tinha certos conhecimentos da arte de marear derivados das suas leituras, mas que sabia muito pouco da navegação celestial ou matemática, só se aventurava no mar para fazer viagens curtas e rotineiras, ao longo da costa portuguesa ou aos portos marroquinos próximos do Algarve.

Na sua maioria, são as contradições da personalidade do infante que o autor explora com um humor às vezes ferino. Na p. 28, por exemplo, diz: 'Pela sua parte, o príncipe, caracteristicamente, não perdeu tempo em buscar maneiras de ganhar fama e melhorar a sua situação económica'. Mais tarde (p. 74) narra como as caravelas do infante atacavam e roubavam navios pertencentes a cristãos. Tais actos de pirataria não eram raros na época mas, segundo Russell, 'deve ter sido mais difícil explicá-los quando o dono das caravelas em questão era príncipe real, chefe de uma ordem religiosa militar e, segundo ele próprio, cruzado cristão' (traduções minhas).

Afinal, como explica numa passagem reveladora (p. 159), é possível compreender os sentimentos do homem medieval com o intelecto, sem no entanto empatizar com eles emocionalmente. Daí a ironia e a tendência para evitar um juízo global acerca do infante. O autor não foge aos juízos de valor, mas emite-os só em situações pontuais, por exemplo, quando critica o infante pela sua frieza para com o irmão D. Fernando, preso em Fez, ou, pelo contrário, quando o louva pela capacidade de criar relações amistosas com indivíduos tais como mercadores e capitães do mar, de grau social inferior ao dele, que se tornavam membros da sua casa. Mas o leitor não encontrará nenhuma síntese da carreira do infante. Destruidor de mitos, o Professor Russell evita criar outros.